

XXXIV Encuentro Arquisur.
XIX Congreso: “CIUDADES VULNERABLES. Proyecto o incertidumbre”

La Plata 16, 17 y 18 de septiembre.
Facultad de Arquitectura y Urbanismo – Universidad Nacional de La Plata

EJE: Investigación
Área 3 – HISTORIA DE LA ARQUITECTURA, LA CIUDAD Y EL TERRITORIO

O PAPEL DA AMBIÊNCIA NO PROCESSO DE (RE) QUALIFICAÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIA. O CASO DO MARACANÃ E DOS BECOS DA PRAÇA XV.

**MELO, Natália Rodrigues de (1);
RODRIGUEZ, Beatriz Beltrão (2)**

1. Doutoranda em Ciências da Arquitetura / Programa de Pós Graduação em Arquitetura / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal do Rio de Janeiro / Av. Pedro Calmon, 550/sl. 433 - Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão - Rio de Janeiro - RJ 21941-590 / Brasil / naty_rmelo@hotmail.com

2. Mestre em Ciências da Arquitetura / Programa de Pós Graduação em Arquitetura / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal do Rio de Janeiro / Av. Pedro Calmon, 550/sl. 433 - Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão - Rio de Janeiro - RJ 21941-590 / Brasil / bia_beltrao@yahoo.com.br

RESUMO: Através da ambiência as pessoas compreendem o espaço por meio de suas experiências e das relações que estabelecem com os lugares, criando vínculos que podem transformá-los em lugares de memória. Ao mesmo tempo, a memória é uma maneira de se entrar em contato com as lembranças, tradições e costumes. Ela está, portanto, intimamente relacionada com a cultura e identidade de determinado grupo social ou indivíduo e reflete na sua relação com a cidade, de uma forma geral, e também em locais específicos, passíveis de pertencimento. Por meio desses conceitos, vislumbramos entender como os indivíduos por meio de suas percepções, lembranças e experiências, conseguem se reapropriar dos espaços e (re)qualificá-los como lugares que evocam e trabalham a memória, transformando-os assim em Lugares de Memória. Para essa análise, ilustraremos determinados locais que vem sendo investigados em pesquisas realizadas junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Proarq). Trataremos do Estádio Maracanã que é reconhecido como patrimônio histórico pelo seu grande valor monumental, paisagístico e cultural, dadas as experiências dos frequentadores e os símbolos atrelados ao futebol, mesmo após do ambiente reformado (Copa do Mundo de 2014); e também analisaremos os becos localizados nas intermediações da Praça XV, no Centro, área histórica que no passado próximo estava abandonada, mas que recebeu uma importante revitalização principalmente nos happy-hours. Ambos os locais foram analisados através de revisão de literatura e observação *in loco*.

PALAVRAS-CHAVE: LUGARES DE MEMÓRIA; AMBIÊNCIA; MARACANÃ; BECOS

INTRODUÇÃO

O conceito de ambiência vem sendo utilizado nas pesquisas de arquitetura e urbanismo para suprir as análises que tratam somente do espaço meramente físico e funcional. A ambiência, por sua vez, envolve as relações materiais em interação com a percepção, emoções e ações dos sujeitos, bem como suas representações sociais e culturais. Como afirma Augoyard (2004), a ambiência é uma atmosfera material e moral que envolve um lugar e as pessoas que dele fazem parte.

Logo, as pesquisas que se pautam nos entendimentos de ambiência, mostram-se mais acuradas e sensíveis aos invólucros do espaço urbano e se mostra passível de desvendar as transformações, evoluções e involuções, constructos e relações a que estes espaços estão propensos e, através disso, vislumbrar as possíveis conversões do espaço em lugar.

De acordo com Tuan (1983) quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar. São os significados e definições que a eles atribuímos que possibilita a transformação em “nossos lugares”. Essas atribuições, no entanto, nos serão impregnadas somente se formos detidos pela memória que está contida nesses lugares à medida que dele nos apropriamos.

Os lugares evocam, mobilizam e produzem memória, como bem afirma Uglione (2008). Portanto, a memória não está nos lugares e sim os lugares que fazem a memória trabalhar nas pessoas, instigando histórias recontadas, que abarcam o que está contido e é produzido pelos locais.

Ao tratarmos de um bem ou local tombado e reconhecido como patrimônio cultural, contamos a iniciativa da preservação, que, dentre outras coisas, possibilita um retorno maior às lembranças, e que, por sua vez, pode levar à apropriação, condição *sine qua non* do sentimento do Lugar. Assim, as pessoas são incentivadas pelos lugares a reconstruírem narrativas e requalificá-los usando dessas lembranças que denotam, dessa forma, a condição de Lugares de Memórias. Isto somente é possível, ao nosso entender, pois é parte de uma ambiência.

Assim sendo, o presente trabalho busca analisar como a ambiência condiciona os lugares e através deles evoca a memória transformando-os então em Lugares de Memória. Por meio de duas pesquisas em locais distintos – O Maracanã e os Becos da Praça XV – buscaremos ilustrar como se dá esse processo de transformação do patrimônio nesses Lugares de Memória e o papel preponderante da ambiência nesse processo.

PELOS MEANDROS DA AMBIÊNCIA...

O espaço urbano define-se por relações, percepções, experiências e sensorialidades que ficam entrelaçados e interagem em movimentos ininterruptos. Esse processo se sobrepõe sobre os aspectos meramente físicos de uma cidade e a isso se dá o nome de ambiência.

Ambiência é a soma de tudo o que envolve o espaço: os sons, os cheiros, a temperatura, o movimento das pessoas, a luz. Ela inicia no suporte espacial, possibilita o lugar e termina em dados memoriais, identitários e culturais, passando por fatores de ordem ambiental. Logo, a Ambiência não pode ser reduzida a uma soma de fatores isolados, já que ela é que unifica e preenche de significados todo suporte espacial.

Segundo Augoyard (2004), a pesquisa sobre esse conceito deve abordar o aspecto físico não apenas como uma “matéria que deve ser percebida, mas também como um instrumento social no espaço” (AUGOYARD, 2004, p.25). Por isso, a ambiência que unifica um suporte espacial, num processo de retroalimentação que nos permite compreender que não percebemos a ambiência e, sim, percebemos de acordo com ela. Diferentemente da

noção de *Genius Loci*¹, a ambiência não é objeto da percepção, ela estabelece os termos da percepção, afetando todos os tipos de ação.

Segundo Duarte (2011), os estudos sobre esse tema abarcam os aspectos sensíveis da cidade, em contrapartida às pesquisas que vinham se mostrando incompletas ao se debruçarem somente nas funcionalidades, nos aspectos formais e ambientais dos espaços construídos, como fatores isolados.

Esse termo deriva do vocábulo latim *ambire*, que significa rodear, cercar (DUARTE; PINHEIRO, 2009). Assim, a cidade, seus edifícios, espaços livres e tudo o que está contido num dado ambiente é cercado ou rodeado pela ambiência, que também pode ser entendida como atmosfera², que determina os aspectos arquiteturais e urbanos. Dessa forma, é possível afirmar que tudo o que nos cerca precede e remonta uma ambiência. Para tanto, é preciso que haja relações humanas e manifestações com o lugar físico, sensorial, social e cultural de forma a apreendê-la.

Por isso, é preciso um retorno ao concreto, uma vez que é mais fácil, dessa forma, entender essa atmosfera por meio da observação das ações cotidianas nas cidades; das “pequenezas” do dia-a-dia, na qual as identidades dos usuários se ancoram, se constroem, se remodelam, se reinventam. (Augoyard, 2009; Duarte et al., 2007; Thibaud, 2004; Tixier, 2004).

Diante disso, podemos entender os becos da praça XV e sua forte relação com a formação identitária através de uma apropriação descomprometida dos *flâneurs* e também de seus usuários cotidianos e pertencentes ao lugar. Ademais, vislumbrando os estádios de futebol, mais especificamente o Maracanã, este é detentor de uma atmosfera particular, pois abarca todos os componentes e os processos citados, e ainda possui características, manifestações e símbolos ligados ao jogo de bola, tornando o lugar peculiar, dado os conflitos e consensos que ocorrem em todos os cantos desse espaço, que, por essa razão, pode ser lugar para ancorar uma identidade.

As ambiências do espaço urbano determinam as motivações de circulação, fluxo e influenciam os conflitos e as relações, conforme as diferenças culturais e sociais, mas que, por essa razão, são passíveis de entendimento pelos processos perceptivos, experienciais, e as ações que ali são impetradas como um todo.

Thibaud (2004) afirma que a emergência da temática *ambiência*, manifesta o interesse crescente dado ao domínio dos sentidos para pensar e produzir o ambiente construído. Uma das perspectivas promissoras da noção de ambiência é oferecer a possibilidade de reunir domínios habitualmente separados. A oposição clássica entre espaço vivido e espaço concebido é substituída por uma abordagem dinâmica que se interessa com modos sensíveis de estruturação de espaço e de tempo. (THIBAUD, 2004, p. 159)

Diante disso, a *ambiência*, além de abarcar aspectos funcionais, físicos, ambientais, sensíveis, experienciais e relacionais, requer o movimento desses em um determinado espaço e tempo. E é por meio do *l’embodiment*, que Thibaud (2004) define como *envolvimento/movimento do corpo com o meio*, que as categorias conceituais não são dissociáveis das atividades sensoriais-motoras. Dessa forma, a *ambiência* irá permitir a passagem da dimensão sensível para a dimensão cognitiva e essa poderá ser considerada agradável ou desagradável.

A ambiência, portanto, é a responsável para que as pessoas compreendam o espaço por meio de suas próprias experiências e das relações que estabelecem com os

¹ Genius locci é uma expressão cunhada na Roma antiga para designar o caráter de um lugar. Para Mario Servio Honorato, já no quarto século depois de Cristo, não existe lugar que não tenha uma alma (“*nullus locus sine Genio*”). Esse termo foi reapropriado por Norberg Schultz em sua abordagem fenomenológica dos espaços arquitetônicos.

² Neste caso, atmosfera aparece como sinônimo de ambiência, pois a utilizamos com o pressuposto metafórico de uma camada que envolve a matéria e os aspectos sensíveis.

lugares, criando vínculos que podem transformá-los em Lugares de Memória que segundo Nora (1997) são aqueles espaços dotados de histórias que levam à memória, que por sua vez produz mais história e mais memória num movimento circular.

A MEMÓRIA DO LUGAR E O LUGAR DE MEMÓRIA

A memória é uma “estória” forjada que, como bem descreve Jodelet (2002), sendo desenvolvida por maneiras de viver sem uma ruptura brutal, forma-se através de uma dialética do passado, presente e futuro, a qual o presente encontra fundamentação no passado. É um jeito de desenvolver contato com suas lembranças, tradições e costumes, sob determinada ótica. Estando, desta forma, estritamente conectada com a cultura e identidade de determinado povo, sociedade, grupo ou indivíduo e com sua relação com a cidade. A memória, segundo Jodelet (2002) é viva e atual, em evolução e mutável, mas, ao mesmo tempo, vulnerável e propensa ao esquecimento.

Para entender o meio e a si, os indivíduos estabelecem um arranjo de elementos simpatizantes ou discordantes que situarão coerência e unidade para definir uma imagem ou impressão de algo ou alguém. Características essas que mudarão de acordo com o tempo, influências e/ou acontecimentos, mas sempre existindo e se baseando em ideais pré-estabelecidos, para se colocar em um lugar na sociedade, assim como o outro, e como é percebido e percebe este outro.

Logo, a memória é coletiva, como afirma Halbwachs (1990), pois na individualidade ela existe somente quando é uma intuição sensível, ou seja, uma intuição imediata entre o sujeito e o objeto. No mais, a memória individual é construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, a partir de “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (p. 55). Como reafirma Jodelet (2002) a memória passa a ser coletiva quando se transforma em um bem comum, tecida pelo interior do grupo.

Entretanto, Pollak (1992) afirma que a memória é seletiva. Cada mente abstrai o que não a interessa, foca e registra o que mais lhe atrai, o que culmina em um juízo de valores, de fora para dentro e vice versa.

Ao mesmo tempo, é importante frisar que a memória é influenciável e mutante de acordo com os interesses e pontos de vistas em jogo e o tempo cronológico, ao contrário dos fatos históricos imutáveis e estáveis. Esses últimos sofrem transformação - mutação de acordo com cada interpretação do acontecimento tornando-se memórias. Isso porque a partir do momento em que o acontecimento ocorre já entra no imaginário e ao ser contado passa por um filtro que respeita determinado foco e se transforma em uma “estória” tramada.

Nesse processo, entendemos que não se pode deixar de lado a ocupação do Maracanã por aqueles interessados no jogo de bola e como isso é alimento para a memória coletiva. Por meio do imaginário, da vivência pautada no ritual e o envolvimento em uma atmosfera de interesse comum, torna-se evidente a construção dessa memória coletiva e influenciável pela massa de torcedores. Quanto aos becos, é possível perceber que estamos nos referindo a uma “estória tramada” de cada indivíduo, porém, ela é parte de camadas de memória por ser parte de um coletivo que se tornou um bem comum, embrenhada em grupos e passantes do lugar.

Segundo Halbwachs (1990) não há memória que não aconteça sem um contexto espacial.

[...] é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes. (HALBWACHS, 1990, p. 160)

O espaço, aqui sendo um estádio e os becos, mesmo que locais diferentes, uma vez experienciados e dotados de valor se tornam Lugares, tendo a memória como um dos balizadores, pois a vivência dos grupos se regula pela sucessão de imagens que

representa cada um. (HALBWACHS, 1990). Assim, em um processo circular, a memória auxilia na familiarização do espaço, tornando-o Lugar. (TUAN, 1983).

A partir desse entendimento, a memória cria e recria lugares, transformando-os, dessa maneira, em lugares de memória. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1981, p. 12/13). São impregnados de lembranças e heranças. Sopros que emaranhados e atrelados, depois de passar por processos identitários que definem imagens, importância e apegos sensoriais.

Segundo Bergson (1999), a memória não está nos lugares e sim os lugares que fazem a memória trabalhar nas pessoas, instigando histórias recontadas. Assim, as pessoas são incentivadas pelos lugares a reconstruírem narrativas usando suas lembranças e esquecimentos, denotando, dessa forma, a condição de Lugares de Memórias. Isto somente é possível, pois é parte de uma ambiência que abarca o que está contido e é produzido pelos espaços urbanos.

A ambiência nada mais é que o sopro das relações, pois ela precede e condiciona o que está contido no espaço. Segundo Pinheiro (2004), tudo o que nos rodeia é produzido por práticas sociais que, por suas atividades, definem o ambiente urbano. A ambiência, desta forma, funciona como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades em uma dada situação.

Através da ambiência, as pessoas compreendem o espaço por meio de suas próprias experiências e das relações que estabelecem com os lugares, criando vínculos que podem transformá-los em Lugares de Memória.

Segundo Nora (1997), os lugares de memória são aqueles onde a memória se cristaliza e se refugia. Ele surge quando a consciência de uma quebra com o passado se confunde com o sentimento de que a memória foi destruída, mas cuja destruição ainda permite a percepção da perda da memória. Lugares de memória existem porque não mais existem meios de garantir a continuidade da memória.

Portanto, lugares de memória se desenvolvem do sentimento que na memória espontânea, é preciso criar arquivos e tipos de organizações não naturais. A verdade sobre lugares de memória é que “sem vigilância comemorativa, a história rapidamente os varreria” (NORA, 1981, p. 12). Por outro lado, se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não existiria a necessidade de construí-lo, bem como se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles representam, tampouco eles seriam necessários.

A razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais. Os lugares de memória vivem de sua aptidão para a metamorfose.

E através dessa aptidão pela metamorfose que a investigação do lugar de memória, no presente trabalho, remete aos becos da praça XV, transformados ao longo do tempo, e ao estádio do Maracanã, uma vez drasticamente modificado. Acreditamos que a ambiência é preponderante nesse processo de construção do lugar através das relações, das experiências e das narrativas que balizam a memória, mesmo com as rupturas e com uma nova proposta de resignificação.

EXEMPLIFICANDO LUGARES DE MEMÓRIA EM DIFERENTES AMBIÊNCIAS: O ESTÁDIO MARACANÃ E OS BECOS DA PRAÇA XV.

O ESTÁDIO MARACANÃ

O nosso primeiro caso de análise do presente artigo é o estádio Mário Filho, ou como é mais conhecido, o Maracanã. Ele abriu suas portas em 16 de junho de 1950 e foi erguido para a Copa do Mundo do mesmo ano. A iniciativa de construção do estádio, segundo Máximo (2000), surgiu em decorrência da necessidade de um local mais amplo para os jogos do Mundial e, em tempo recorde, construiu-se o maior palco futebolístico do mundo.

Em 1999 o Maracanã sofreu a sua primeira grande reforma. As obras foram solicitadas visando o Mundial de Clubes da FIFA que aconteceria no ano seguinte. Segundo Ferreira (2013), a maior alteração foi a colocação de assentos nas arquibancadas, dividindo-as em cinco setores separados por barreiras de acrílico com base de concreto. A reforma foi importante para separar as torcidas e cessar com as brigas na parte interna do estádio, mas fez a diferenciação de preços de ingressos, o que, por sua vez, não alterou os interesses dos frequentadores. As intervenções foram importantes para modernizar o estádio.

No ano 2000 o estádio foi reconhecido como patrimônio histórico e inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Foi alegado grande valor paisagístico atrelado ao valor etnográfico, assim, qualquer reforma a ser feita no local estaria vedada no que pretendesse a alteração no projeto original do imóvel, como a que foi feita no ano anterior ao reconhecimento. (GIRÃO, 2012).

No entanto, duas outras grandes reformas viriam a descumprir as premissas do tombamento. Em 2006, o Maracanã foi novamente reformado para os Jogos Pan-Americanos de 2007. Com essa alteração, orçada na casa dos R\$ 304 milhões, houve a redução da capacidade do estádio, o rebaixamento do gramado e, principalmente, no fim da antiga geral, que segundo Ferreira (2013) era o local onde os torcedores assistiam às partidas em pé e, no qual, eram cobrados os ingressos mais baratos. Em seu lugar, foi construído um prolongamento das antigas cadeiras azuis. Com isso, houve a drástica diminuição dos torcedores e a elitização do jogo.

A reforma seguinte seria a mais implicada. Para sediar a Copa do Mundo de 2014 a Federação Internacional de Futebol, FIFA fez algumas ponderações para que o Maracanã sediasse alguns jogos, inclusive a final do mundial, acarretando nessa reforma. Em 2010 o estádio começou o processo de adaptação aos requisitos da Federação e por isso demoliu grande parte de sua antiga estrutura. Como premissa da preservação manteve somente a fachada tombada, causando indagações da manutenção da essência do estádio e da ambiência do lugar.

Outra questão levantada sobre as reformas sofridas trata-se da permanência do Lugar de Memória. Segundo Nora (1997), há três sentidos coexistentes nesse Lugar: material, simbólico e funcional. O material pelo conteúdo demográfico; o funcional pela cristalização e transmissão; e o simbólico “que (se) caracteriza por um acontecimento ou experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou”. (NORA, 1997, p. 22).

Uma vez o estádio se tornando arena diante dessas reformas, nada sobrou do físico, exceto a fachada; a cristalização impregnada nos elementos físicos diminuiu drasticamente; e os símbolos atrelados ao espetáculo e à atmosfera do lugar ficaram sujeitados à um outro padrão e outra perspectiva.

A pesquisa sobre o estádio ainda está em andamento e não se tem dados empíricos concretos. No entanto, conseguimos analisar e perceber até o presente momento, que o espaço produzido do Maracanã após as reformas sofridas, se pauta em uma produção de representações que naturalizam as alteridades, ocultando a sua lógica. Antes, um espaço que, mesmo concebido sob a égide da dominação, se firmou enquanto morfologia e símbolos de uma massa, hoje se tornou a arena multifuncional que determina comportamentos e consumo.

Enquanto espaço de representação, os rituais e os usos perderam os elementos arquitetônicos como arquibancadas que não existem mais, cedendo lugar para as cadeiras; nota-se a padronização das praças de alimentação; a busca pelo torcedor comido; a espetacularização proporcionada pelas corporações e evidenciada pela elite, enfim, mudanças radicais na estrutura e na relação de apropriação com o estádio.

Porém, as lembranças ainda estão lá, subpostas por camadas de concreto e segregações. Mesmo após as reformas, o Lugar de Memória se mantém muito mais pelo

movimento/envolvimento da ambiência que pelo espaço físico em si. Ele está ligado aos usos e rituais gerados pelo jogo de futebol e pela paixão suscitada pelo brasileiro que ocupa o espaço e se identifica como o palco de sua devoção, dentro de uma atmosfera penetrante e que transcende.

Reforçando a ideia de que tudo o que nos cerca precede e remonta uma ambiência e para apreendê-la é preciso que haja relações humanas e manifestações com o lugar, podemos dizer que ela se fortalece pela paixão pelo futebol e representações ligadas a esse esporte. Isso possibilita a (re)significação de lugares para o acolhimento dos jogos e principalmente do público, responsável pela corporificação e relações com o espaço.

Embora seja um ponto de tensão as nuances comportamentais e a espetacularização dos jogos, partimos do princípio que para muitos o futebol funciona como um elemento de religião, quase uma “religião” no sentido estrito da palavra acarretando na “coisa mais importante, a única que dá sentidos as suas vidas vazias” (WISNIK, 2008, p.42). Assim, o estádio consegue carregar, mesmo com as abruptas mudanças, uma atmosfera com aptidão para o sensível que unifique o espaço social, que aos poucos poderá favorecer uma nova apropriação e afetação pelo lugar.

Dessa forma, reiteramos que a ambiência é capaz de invocar a memória por meio de símbolos e narrativas de torcedores aficionados, e possibilitar a recriação do Lugar de Memória. Segundo Nora (1981) os lugares de memória não param no tempo, eles tem aptidão para a metamorfose e sofrem intervenção da história, do tempo, da mudança. “Lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade: numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel.” (NORA, 1981, p. 22).

Porém, essas mudanças e intercalações, onde as alterações não deixam que o passado seja substituído, e sim somado - como verificamos no Maracanã que carrega inúmeros campeonatos, vitórias e derrotas, transmissões e permanências de paixões, gestos e sentimentos de toda ordem - só tem respaldo através da corporificação e da relação com os mais diversos sujeitos.

O BECO VERSUS A METRÓPOLE

A cidade moderna precisou esquecer-se do passado para se encaminhar para o futuro. Isso custou à destruição de elementos urbanos tradicionais, mas ao mesmo tempo a nova metrópole ganharia novas feições e procuraria novos objetivos. O beco era sujo e detestável, não combinava com a iluminação da metrópole, estando fadado ao esquecimento ou a destruição. Le Corbusier (2000) afirma que a cidade antiga não tem como alojar as evoluções da modernidade, está entregue a morte. Portanto, é necessário construir ao ar livre para criar uma cidade adequada para a sociedade moderna.

Por outro lado havia aqueles que repudiavam as novas criações da metrópole. Engels (CAMPOFIORITO, 1994) descreve que ao observar as ruas da metrópole visualiza uma paisagem monótona: sempre milhares de pessoas andando de um lado para o outro, fazendo as mesmas coisas, todos os dias da semana.

Os becos estariam perdidos e espalhados nas megacidades do final do século XX – cidades grandes que, segundo Campofiorito (1994), parecem “pragas irremediáveis porque a sua complexidade desmascara a impotência tecnocrata do ‘planejamento físico-territorial’ – de base neo-positivista, lógico-dedutiva e projetivista, vale dizer, imbuído de uma visão progressista e funcional da urbanização.” (Campofiorito, 1994, p. 219)

OS BECOS DA PRAÇA XV - LAPA DOS MERCADORES

A Lapa dos Mercadores formou-se desde o início da povoação da cidade, ainda no Brasil – Colônia. A formação da urbe é datada da mesma época da Casa dos Governadores, os Armazéns Reais e a Casa da Moeda. Os prédios da época seriam trapiches que venderiam principalmente produtos marítimos, devido à proximidade do Porto. Esta área sofreu grande desenvolvimento com a transferência da capital para o Rio de Janeiro, depois, com a chegada da Corte ao Brasil e com as influências estrangeiras.

Mas começou a se degradar com as obras de modernização da época de Pereira Passos, piorada com a proibição (anos mais tarde) de moradia no centro e construção da Avenida Perimetral. Isto ocorreu porque foi esquecida, em um momento que a cidade só pensaria na modernidade. Só no final do século XX, seria impulsionada à revitalização com as ações preservacionistas de restaurações do entorno: com o Corredor Cultural a revitalização das edificações no entorno e, por fim, a criação dos centros culturais a sua volta; sua proximidade ao centro financeiro-administrativo da cidade e de importantes museus, entre outros escritórios e salas comerciais. Transformou-se em um centro gastronômico para atendê-los.

Da área estudada podemos destacar: a Travessa do Comércio, o principal beco de nosso estudo, como o mais tradicional; a Rua do Ouvidor, a principal rua de comércio, com mais apelos visuais e sonoros; a Rua dos Mercadores, com feições mais sérias e empresariais; e, por fim, a Rua do Rosário, com seus bistrôs encantadores. Em resumo, estas três as ruas têm suas particularidades, mas compõem um conjunto arquitetônico e a composição urbana as define como becos que se analisadas em conjunto. Se colocadas em outros ambientes não produziriam a mesma sensação, pois a relação estreita dada pela rua com o sobrado é acolhedora e transmite uma sensação de cercaduras e fechamentos, visto que ao observar as ruas e ambientes mais amplos em seu entorno sente-se grande distinção. Ou seja, precisam umas das outras e da própria presença da metrópole para ressaltar a suas principais características e apropriações urbanas.

A relação entre esses sobrados e a rua estreita faz com que o ambiente se feche e se transforme em refúgio, pois as edificações são coladas umas nas outras, muito próximas tipologicamente e formam uma sequência edificada ao observar as perspectivas e horizontes. Ambiente ideal para o *flâneur* perambular.

Tem algo muito diferente desse universo do beco com o universo da metrópole. Na metrópole, não há contemplação, só vemos multidões andando de um lado para o outro, sempre apressadas. Será que alguém conseguiria ficar sentado no meio de uma avenida apreciando a paisagem? Impossível! A avenida é o lugar do movimento e da velocidade. Então, o beco se torna o lugar de descanso da velocidade: é o refúgio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber a grande diferença entre os objetos de estudo: enquanto um tem uma representação nacional ligada a emoção sobre o futebol o outro é um refúgio do cotidiano dentro de uma metrópole acelerada.

As ruas do Centro da cidade do Rio de Janeiro, apesar de preservadas com APACs e tombamentos vem sendo desconfiguradas e remoldadas atendendo às expectativas da modernidade, principalmente dando lugar a lojas e restaurantes. O uso do lugar vai se adaptando perdendo a originalidade, sua principal razão em ser preservado. Aquele antigo *flâneur* vai perdendo vontade de andar por esses becos, porque a metrópole está se apossando aos poucos. Em contrapartida, no caso do Estádio do Maracanã, para que fosse possível sediar vários eventos com representação mundial, presou-se por exigências, abdicando de características construtivas do conjunto, que também foram importantes para seu tombamento.

No entanto, a memória, enquanto instigada pela ambiência do lugar, é parte de um processo de requalificação, em que é possível ressignificar o lugar. O Maracanã passa por esse processo por meio da (re)ocupação por aqueles interessados no jogo de bola e isso se torna alimento para a memória coletiva. Já nos becos, é possível perceber que há “camadas” de memória por ser parte de uma coletivo que se tornou um bem comum, embrenhada em grupos e passantes do lugar.

Diante disso, notamos que apesar das grandes intervenções, ainda podemos identificar vestígios do passado nos locais estudados. Porém, se não começarmos a promover ações contra estas intervenções infundadas, no futuro só teremos cenários e

falsos históricos, dando fim ao verdadeiro patrimônio, e conseqüentemente, não teremos mais os Lugares de Memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGOYARD, Jean-François. Vers une esthétique des ambiances. In: THIBAUD, Jean-Paul; AMPHOUX, Pascal; CHELKOFF, Gregoire [Org.]. *Ambiances en Debats*. A la croisee, 2004.

_____. *A comme Ambiance(s)*. In: Les Cahiers de la Recherche Architecturale et Urbaine. n^{os}. 20/21 - mars 2007.

_____. *L'espace Inaperçu*. Rio de Janeiro: palestra proferida na sede do MEC-MinC, por ocasião do Colóquio 'Ambiances em Partage – Ambiências Compartilhadas', duração de 70 min.em 03/11/2009

BENJAMIN, Walter.; BOLLE, Willi (Org.). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CAMPOFIORITO, Ítalo. *Enquete Tendenciosa*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 23, 1994.

DUARTE, C. R.; BRASILEIRO, A.; SANTANA, E. P.; PAULA, K. C.L. de; VIEIRA, M.; UGLIONE, P. O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: Duarte, C.R.; Rheingantz, P.A.; Bronstein, L.; Azevedo. *O LUGAR DO PROJETO no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro, Contra Capa / PROARQ - pp.504-519. (2007).

_____, PINHEIRO, Ethel Santana. *Ambiências Cariocas. Estratégias de análise, possibilidades de abordagem*. 2009.

_____. *Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço*. In: THIBAUD, Jean-Paul. *Ambiances en partages*. A la croisee, 2011.

FERREIRA, Fernando da Costa. Maracanã: de centralidade popular a arena para a sociedade do espetáculo. *Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, 2013.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 2000.

GIRÃO, Cláudia. *Maracanã: destruir ou preservar*. In: Vitruvius, ano 12, fev. 2012. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>. Acesso em setembro de 2013

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JEUDY, Henri. JACQUES, Paola. *Corpus e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

JODELET, Denise. *A cidade e a memória*. In: DUARTE, Cristiane et al. Projeto do lugar. Transcrito e traduzido por Walkirya Coppola e Cristiane Rose Duarte. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2002.

Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura, LASC. Articulações e abordagens sensíveis do urbano: Jane Jacobs e as Ambiências das Grandes Cidades. In: LEMETRO. *Jane Jacobs: 50 anos de Morte e Vida das Grandes Cidades*. 2011.

LE CORBUSIER. *O Urbanismo*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

MÁXIMO, João. *Maracanã: meio século de paixão*. São Paulo: DBA, 2000.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto história. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo. SP – Brasil, 1981.

_____. *Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux*. In: *Lês Lieux de Mémoires*. Gallimard, Paris, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, n° 10, 1992.

THIBAUD, Jean-Paul. *Une approche des ambiances urbaines : le parcours commenté*. In *Espaces publics et cultures urbaines*. JOLÉ, Michèle (Org.) Paris, Certu, 2002.

_____. *Une approche pragmatique des ambiances urbaines*. In: THIBAUD, Jean-Paul; AMPHOUX, Pascal; CHELKOFF, Gregoire [Org.]. *Ambiances en Debats*. A la croisee, 2004.

TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983

TIXIER, N.. *La Dynamique des Cheminements: Modèles et Récits*. In: Amphoux, P.; Thibaud, J.P. & Chelkoff, G.. *Ambiances En Débats*. Bernin: À La Croisée, 2004.

UGLIONE, Paula. *A Memória na cidade e a invenção do lugar*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.